

## INTERAÇÃO AUTOR/LEITOR NA GRAMÁTICA DESCRITIVA: POR UMA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

Layane Rodrigues de Lima Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo investiga o espaço de interação autor/leitor em gramáticas descritivas do português brasileiro, que têm como propósito promover uma educação linguística. O arcabouço teórico discute sobre a interface entre ensino de gramática e educação linguística (POSSENTI, 1996; TRAVAGLIA, 2009; PILATI et al., 2011; VICENTE & PILATI, 2012; LOBATO, 2003; 2015), sobre a interação verbal (BAKTHIN, 1988; KOCH, 2007) e sobre os pressupostos da teoria da enunciação (BENVENISTE, 1988; KERBRAT-ORECCHIONI, 1998; LEITE, 2002), com o objetivo de descrever os elementos constitutivos do quadro enunciativo e da subjetividade que o gramático faz de si mesmo e de seu leitor idealizado no processo de interação. Para esta análise, foram selecionadas as gramáticas de Perini (2010) e de Castilho (2014), e as categorias observadas são pautadas pela apresentação, pelo conceito de língua e de gramática empregados, pelos exemplos utilizados e pela construção textual como um processo de interação. Os resultados indicam que os gramáticos visam estabelecer uma ruptura da tradição gramatical prescritiva e se aproximam de seu leitor ao proporem um estudo reflexivo da língua por meio da dicotomia língua falada *versus* língua escrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interação. Gramática. Autor/leitor. Subjetividade. Enunciação.

**ABSTRACT:** This paper investigates the author/reader space of interaction in descriptive grammars of Brazilian Portuguese, which have the purpose of promoting a linguistic education. The theoretical framework discusses the interface between the teaching of grammar and linguistic education (POSSENTI, 1996; TRAVAGLIA, 2009; PILATI et al., 2011; VICENTE; PILATI, 2012; LOBATO, 2003; 2015), the verbal interaction (BAKTHIN, 1988; KOCH, 2007) and the assumptions of the theory of enunciation (BENVENISTE, 1988; KERBRAT-ORECCHIONI, 1995; LEITE, 2002), aiming to describe the constituent elements of the enunciative framework and the subjectivity that the grammarian does of himself and of his idealized reader in the process of interaction. To do this analysis, we selected the grammars by Perini (2010) and Castilho (2014), and the observed categories are marked by the presentation, by the concept of language and grammar that were employed, by the examples utilized and by the textual construction as a process of interaction. The results indicate that the grammarians

---

<sup>1</sup> É licenciada em Letras - Português do Brasil como Segunda Língua pela Universidade de Brasília (UnB) e mestre em Linguística pela mesma universidade, com enfoque de pesquisa na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e no ensino-aprendizado do Português como Segunda Língua por surdos. É professora da Faculdade de Letras e, em particular, dos cursos Letras: Libras e Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português da Universidade Federal de Goiás. Atualmente, é doutoranda em Linguística pela UnB, na linha de pesquisa Gramática: teoria e análise.

aim to establish a rupture from traditional prescriptive grammar and become closer to their readers when proposing a reflexive study of language through the dichotomy of spoken language *versus* written language.

**KEYWORDS:** Interaction. Grammar. Author/reader. Subjectivity. Enunciation.

### Considerações iniciais

Um dos pontos mais debatidos na história do ensino de línguas diz respeito ao espaço da gramática e, por extensão, sobre os materiais utilizados para esse fim. O quadro atual dessa discussão caminha para a adoção de um ensino epistemológico e reflexivo de gramática, ou seja, por uma *educação linguística* (cf. ILARI, 1985, 2009; POSSENTI, 1996; SALLES, 2005; TRAVAGLIA, 2009; PILATI et al., 2011; VICENTE & PILATI, 2012; LOBATO, 2015), que valorize o conhecimento prévio do estudante. Diante disso, novas gramáticas precisaram ser desenvolvidas com o objetivo de estabelecer uma ruptura da velha forma de se ensinar e de se aprender língua, que, outrora, distanciava o gramático de seu público leitor no processo de interação ao se preocupar com a “língua empírica” (LEITE, 2002, p. 235), condizente com a tradição gramatical. Essa tradição, por sua vez, relaciona(va)-se às formas linguísticas usadas em textos literários, e que, muitas vezes, desconsidera(va) a heterogeneidade linguística e o caráter dinâmico da língua a favor de uma variedade de prestígio ligada à escrita.

Sendo assim, este artigo propõe uma análise do espaço de interação autor/leitor em gramáticas descritivas, tendo como ponto de partida a afirmação de Bakhtin (1988, p. 125) de que “a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua”, realizada através da enunciação ou das enunciações. Dessa forma, nosso objetivo é identificar as características presentes nesse tipo de gramática que aproximem autor/leitor ao se considerar a educação linguística como base desse processo de interação. Para isso, selecionamos duas gramáticas do Português Brasileiro (PB) que têm como proposta promover essa educação linguística, a saber: Perini (2010) e Castilho (2014).

Nessas gramáticas, analisamos os seguintes aspectos: (i) a auto-representação interativa do autor: as marcas de subjetividade; (ii) os conceitos de língua e de gramática empregados; (iii) a enunciação dos exemplos e (iv) a construção do texto. Antes, porém, vejamos o referencial teórico que norteia essa análise.

### **Educação Linguística e Ensino de Gramática**

No Brasil, desde meados dos anos de 1970, conforme nos informa Travaglia (2009), o ensino de gramática praticado nas escolas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio começou a ser questionado em função do desenvolvimento da ciência Linguística nos cursos de Letras no país, já que não se sustentava mais o ensino tradicional dantes empregado.

Justifica-se a renovação desse ensino tendo em vista às constantes críticas à metodologia tradicional baseada em uma “visão estática de língua”, ou seja, “em que as categorias gramaticais correspondem univocamente aos fatos abordados, os quais, por sua vez, remetem aos cânones, definidos como cultos, sem que haja espaço para a discussão de novos dados, notadamente no que se refere à variação linguística” (PILATI et al 2011, p. 396).

Nessa linha de pensamento, Possenti (1996) procurou mudar a concepção no que se refere ao ensino de gramática na escola ao defender que o uso real da linguagem na vida dos falantes é que deve ser priorizado na sala de aula. Diante disso, o autor defende que o ensino de português não deve ser visto como a simples transmissão de conteúdos prontos, antes, porém, passe a ser uma tarefa de construção de conhecimentos por parte dos estudantes, em que professor e aluno interagem nesse processo.

Semelhantemente, Travaglia (2009) apresenta uma proposta para o ensino de gramática de língua portuguesa tendo como principal pressuposto de que a linguagem é uma forma de interação e o seu domínio exige reflexão. Por isso, na visão do autor, esse ensino deve objetivamente contemplar o desenvolvimento da competência comunicativa.

Travaglia (2009, p. 108), então, indica que se trabalhe a gramática a partir de textos autênticos, uma vez que esses atuam em situações específicas de interações comunicativas e não simplesmente em palavras e frases isoladas, sem qualquer contexto de comunicação, como muitas vezes ocorre em gramáticas tradicionais. Os textos “funcionam como instruções para o estabelecimento de efeito(s) de sentido numa interação comunicativa”.

Alinhando-se a esse pensamento de renovação do ensino de gramática, Pilati et al (2011) indicam o estudo do componente gramatical na Educação Básica em uma perspectiva científica, e as autoras justificam tal proposta ao afirmarem sobre a existência de aparato(s) teórico(s)

adequado(s) à caracterização das variedades linguísticas e de fenômenos gramaticais ligados às práticas discursivas. Desse modo, as pesquisadoras propõem que o ensino científico da gramática pode ser implementado no âmbito da *educação linguística*, “por meio de uma metodologia baseada em projetos, em que competências intelectuais como a análise, a classificação, a analogia, a inferência, sejam desenvolvidas por procedimentos de formulação de hipóteses e raciocínio inferencial sobre dados linguísticos”. As autoras acrescentam que, assim, “é esperado que habilidades linguísticas, como a capacidade de ler, interpretar e produzir enunciados, por um lado, e, por outro, a consciência em relação à natureza do conhecimento linguístico, se manifestem” (PILATI et al, 2011, p. 400).

Sendo assim, concordamos com Pilati et al (2011, p. 400) quando afirmam que:

Uma *educação linguística* (...) implica que a formação do professor de língua contemple um tipo de abordagem em que o conceito e as questões de gramática sejam discutidos a partir do pressuposto de que o estudante carrega consigo um conhecimento internalizado sobre a língua em funcionamento. Um dos papéis do professor é justamente o de tornar explícito esse conhecimento linguístico internalizado, instrumentalizando o estudante a fazer uso consciente das estruturas e dos recursos gramaticais que possui (destaques no original).

Nesse mesmo sentido, Vicente e Pilati (2012) apresentam um breve histórico no que se refere à relação entre as pesquisas no campo da Linguística e a atividade do professor no ensino da língua portuguesa. As autoras destacam como pressupostos teóricos advindos da Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1957 e trabalhos posteriores), tais como *competência e criatividade*, que contribuem para o desenvolvimento de uma metodologia inovadora de ensino de língua portuguesa. As pesquisadoras comprovaram que a competência e a criatividade, tal como propõe a linguística gerativa, convergem com as diretrizes presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais, com ênfase na reflexão sobre a língua para o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos estudantes. Para isso, Vicente e Pilati (2012) citam Lobato (2003) que, por sua vez, defende que uma primeira propriedade do ensino de língua materna deve ser a adoção do que se denomina *procedimento de descoberta*. Nessa perspectiva, o ensino, ao invés de ser meramente classificatório, e voltado unicamente para a terminologia, deve levar à descoberta, ou seja, à promoção da consciência sobre os fatos linguísticos nos alunos, e esses podem ser desenvolvidos pensando-se em um processo de interação verbal.

## Interação verbal e Teoria da Enunciação

Os estudos sobre *interação verbal*, introduzidos por Mikhail Bakhtin, partem da premissa de que a palavra “constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte” (BAKHTIN, 1988, p. 115). Segundo essa acepção, a palavra estabelece, então, um território comum entre locutor e interlocutor, pois ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém.

Com efeito, a interação verbal envolve dois ou mais participantes, que interagem entre si numa dinâmica de relações dialógicas. O diálogo é, portanto, uma das formas mais importantes de interação verbal (BAKHTIN, 1988), que determina a produção de qualquer tipo de texto, seja formal ou informal, tendo em vista que o locutor atribui características específicas a seu texto em função de seu interlocutor (HILGERT, 2002, p. 89). Nesse sentido, Kerbrat-Orecchioni (1998, p. 14) considera que:

[...] desde a fase da codificação, anteriormente a qualquer resposta ou simples reação provinda do destinatário, este já se encontra inscrito no discurso do emissor, explicitamente às vezes (por meio de marcas de alocação), implicitamente sempre, na medida em que o emissor considera permanentemente a imagem que ele se constitui de seu destinatário e as competências que lhe atribui<sup>2</sup>.

Dessa maneira, ao se construir um discurso, as escolhas linguísticas argumentativas são também determinadas pelo interlocutor em potencial, dado que no texto haverá marcas de subjetividade que serão interpretadas pelo destinatário do discurso no ato da enunciação. Essa preocupação linguística ao redor da *enunciação* é investigada pela Teoria da Enunciação, que teve como precursor Bakhtin, mas ganhou força com o linguista Émile Benveniste, e que procura descrever os enunciados efetivamente produzidos pelos falantes de uma língua, ao “determinar a que título aquilo que se diz é dito” (KOCH, 2007, p. 12). Segundo essa teoria, o termo *enunciado* diz respeito à “manifestação concreta de uma frase, em situações de

---

<sup>2</sup> Tradução nossa. Trecho original: “[...] dès la phase d’encodage, antérieurement à toute réponse ou simple réaction émanant du destinataire, celui-ci se trouve déjà inscrit dans le discours de l’émetteur, explicitement parfois (au moyen des marques d’allocation), implicitement toujours, dans la mesure où l’émetteur tient compte en permanence de l’image qu’il s’est construite de son destinataire, et des compétences qu’il lui prête” (KERBRAT-ORECCHIONI 1998, p. 14).

interlocução” (KOCH, op. cit.). Para Bakhtin (1988), a enunciação só se realiza no fluxo da comunicação verbal.

A linguística da enunciação, assim, está voltada para o locutor-escritor e para todos os fatos enunciativos com ele envolvidos, relacionados ao alocutário e à situação comunicativa (LEITE, 2002). Nesse processo enunciativo, as *marcas de subjetividade* do locutor estabelecem as relações entre os participantes do diálogo. Benveniste (1988, p. 286) defende que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta a realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”. O autor acrescenta que: “a ‘subjetividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’ (op. cit.).

Leite (2002) argumenta, nesse sentido, que o discurso da gramática, enquanto manual didático, é cheio de subjetividade, marcado pela ideologia do autor. Logo, “o gramático, como sujeito da enunciação, que vive em certo tempo e espaço, deixa transparecer em seu enunciado, mais ou menos intensamente, marcas desse espaço/tempo que, afinal, integram o seu *eu*, o sujeito do discurso” (LEITE, 2002, p. 230 – grifo no original). Dessa forma, a enunciação, segundo a autora, compreende três categorias: *o sujeito, o espaço e o tempo*, que se fazem representar marcadamente no enunciado. Sendo assim, uma enunciação é sempre socialmente dirigida e determinada pelos participantes da fala:

A situação dá forma à enunciação, impondo-lhe esta ressonância, em vez daquela, por exemplo a exigência ou a solicitação, a afirmação de direitos ou a prece [...]. A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. (BAKHTIN, 1988, p.113-114).

Fica claro, nessa afirmação bakhtiniana, que o contexto e os participantes da interação interferem e provocam mudanças nas formas das enunciações. Desse modo, a interação é um fenômeno que se realiza em um contexto social específico e que, por sua natureza, exige e estabelece uma relação dialógica entre os participantes, caracterizando-se, dessa forma, a enunciação.

Posto isso, tais pressupostos teóricos serão a base da análise apresentada a seguir dos compêndios gramaticais selecionados, considerando que o “livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1988, p. 126). Essa

pesquisa foi realizada por meio do estudo de expressões, de elementos linguísticos e da escolha da estratégia discursiva adotada nas gramáticas em análise.

### O perfil das gramáticas

A gramática é uma ciência milenar e surgiu associada a preocupações filosóficas e literárias. No caso da Língua Portuguesa (LP), as primeiras gramáticas apareceram no século XVI, motivadas pela preocupação de engrandecer a língua em face do latim, além de educar os jovens no conhecimento da variedade de prestígio da LP. Essa tradição gramatical foi assumida pelos compêndios de Jerônimo Soares Barbosa, Manual Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Carlos Henrique Rocha Lima e, mais recentemente, o de Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra, para citar apenas alguns (CASTILHO, 2014).

As gramáticas de natureza descritiva, por outro lado, procuram apresentar e explicitar a língua na maneira utilizada pelos seus falantes, sem prescrever a língua “ideal” que as pessoas devem utilizar. Para isso, essas gramáticas utilizam textos reais, pois o objetivo é mostrar a língua viva. Assim sendo, a gramática descritiva se orienta pelos seguintes postulados:

(1) A língua enquanto substância é um conjunto ordenado de itens (ou classes linguísticas) que estabelecem entre si relações linguísticas e desempenham funções linguísticas identificáveis pelos contrastes entre eles. (2) A língua enquanto forma, estrutura ou padrão é um conjunto de unidades (ou pontos idealizados nesse padrão) que se distribuem em níveis hierárquicos, identificados pelas oposições entre eles. (3) A realização dessas unidades no enunciado está sujeita à variação de uso, que deve ser examinada em suas correlações com fatores linguísticos e extralinguísticos. (CASTILHO, 2014, p. 45).

Nessa linha de gramáticas descritivas, selecionamos dois compêndios que ilustram essa busca pelo estudo e reflexão da língua sob um viés da realidade linguística a partir da conversação falada em diversas partes do Brasil. Neste trabalho, analisamos as gramáticas de Perini (2010) e de Castilho (2014), cujos perfis não são pedagógicos.

A *Gramática do português brasileiro* de Mário A. Perini (2010), composta de 38 (trinta e oito) capítulos, é decorrente de pesquisas do autor sobre o português falado e “constitui um marco em defesa da autonomia do português brasileiro e uma demonstração da maturidade dos estudos linguísticos que constituem o cerne de nosso catálogo”, nas palavras de Perini (2010,

p. 15). O autor indica ainda que sua gramática tem objetivos diferentes das gramáticas tradicionais, tendo em vista que não parte da análise dos fatos da língua, mas sim da atitude que se assume frente aos estudos gramaticais. Perini afirma que seu livro é destinado a alunos e professores de Letras, assim como a professores de línguas de todos os níveis, que se interessam “mais na língua portuguesa do que na teoria linguística” (2010, p. 27).

Ataliba T. de Castilho, por sua vez, na *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2014), composta por 15 (quinze) capítulos, teve como gênese desse compêndio gramatical o Projeto da Gramática do Português Falado, trabalho de pesquisa coordenado pelo gramático desde o início da década de 1980. O objetivo do gramático é “olhar o que se esconde por trás das classificações, identificando os processos criativos do português brasileiro que conduziram aos produtos isolados” (2014, p. 31). Além disso, Castilho caracteriza como público-alvo de sua gramática os professores do Ensino Médio, os alunos de cursos superiores, os professores universitários de Linguística Geral e de Linguística do Português Brasileiro (PB) e as pessoas que se sentem atraídas “pelo mistério das línguas naturais” (2014, p. 33).

Posto isso, vejamos a seguir alguns aspectos dessas gramáticas com foco nos processos de interações verbais e nas enunciações nelas presentes.

### **A autorrepresentação interativa do autor: as marcas de subjetividade**

Do ponto de vista da interação autor/leitor, é possível encontrar nas gramáticas de um modo geral diversas marcas de subjetividade, que estão repletas das ideologias dos autores no que se refere, em especial, às suas preferências teóricas. Em Perini (2010), percebemos essas marcas de subjetividades nos seguintes trechos em sua apresentação da gramática, quando identifica as diferenças entre língua falada e língua escrita:

(1) *Vamos estudar aqui a gramática da língua falada no Brasil por mais de 187 milhões de pessoas.* (PERINI, 2010, p. 19 – grifos nossos).

(2) *A língua que falamos (nós todos, operários, professores, mecânicos, médicos e manicures) é bastante diferente da língua que escrevemos (isto é, aqueles dentre nós que têm a formação necessária para a tarefa de escrever). Assim, na cantina dizemos “me dá um quibe*

*ai”, mas na língua escrita isso seria “dê-me um quibe”. Note-se que se trata de duas formas de expressão igualmente adequadas, cada qual no seu contexto. Seria bastante estranho chegarmos na cantina e dizermos “dê-me um quibe” – o falante ia parecer pedante, até mesmo antipático (“quem esse cara tá pensando que é?”). (PERINI, 2010, p. 19 – grifos nossos).*

Em (1), vimos que Perini se aproxima de seu leitor ao também se incluir nos estudos da gramática, utilizando o verbo “Vamos” na primeira pessoa do plural, e esse dado permite ao leitor criar uma expectativa de leitura que o ajudará a enfrentar o texto. Já em (2), quando o gramático declara que “a língua que falamos é bem diferente da língua que escrevemos”, é evidente a estratégia do autor de causar um efeito de familiaridade por meio dessas escolhas linguísticas usadas no enunciado. Essa estratégia fica mais clara com a seleção dos exemplos que mostram a dicotomia fala x escrita em: “me dá um quibe aí” e “dê-me um quibe”. Essa aproximação de Perini com o seu leitor, por meio da presença do *eu* marcando a subjetividade nas enunciações, é também vista em toda a conjuntura de sua gramática:

(3) *Já vimos o que é uma construção, e sabemos que a lista das construções constitui uma parte apreciável da estrutura gramatical da língua. Neste capítulo, vou apresentar algumas construções importantes da língua, começando com as já vistas e acrescentando outras mais. (PERINI, 2010 p. 97 – grifo nosso).*

(4) *Não quero dizer que [...] (PERINI, 2010, p. 108 – grifos nossos).*

(5) *Vou argumentar que essa análise não é adequada, e que é necessário elaborar um novo conceito desse fenômeno. (PERINI, 2010, p. 273 – grifos nossos).*

(6) *Como esta gramática se destina a falantes nativos do PB, acredito que não há inconveniente em apresentar uma descrição parcial. (PERINI, 2010, p. 339- grifo nosso).*

(7) *Embora esta seja uma gramática da língua falada, descrevo a pronúncia em termos de ortografia, ou seja, de como se pronunciam as formas ortográficas. (PERINI, 2010, p. 339 – grifo nosso).*

Nos exemplos de (3) a (7), identificamos que Perini vai conduzindo o seu leitor para receber bem o seu texto ao utilizar os verbos em primeira pessoa “vou apresentar”, “não quero”, “vou argumentar”, “acredito” e “descrevo”. Em termos de interação, o emprego dos verbos em primeira pessoa é uma indicação da preocupação com o leitor e com os usos da língua. Sendo assim, tal emprego de Perini produz uma relação mais próxima com o seu leitor, pois em termos de enunciação, a relação do “eu” presente nos verbos de primeira pessoa produz efeitos de relação dialógica entre os sujeitos. Esses usos são próprios de interações informais e espontâneas, em geral, presentes nas interações face-a-face, o que proporciona uma espécie de intimidade entre autor/leitor a partir da linguagem em uso.

Semelhantemente, encontramos marcas de subjetividade na gramática de Castilho (2014), que indicam o grau de aproximação com o seu leitor em potencial, comprovando que é possível interagir na produção de um texto de natureza tão específica como é o compêndio gramatical:

(8) *Quando expostos a uma nova palavra, identificamos nela as propriedades numa dada palavra, selecionando outros conjuntos para esse fim.* (CASTILHO, 2014, p. 110 – grifo nosso).

(9) *Quando conversamos, frequentemente damos explicações sobre o sentido com que estamos usando determinada palavra ou expressão, para nos fazer entender.* (CASTILHO, 2014, p. 111 – grifos nossos)

(10) *Vamos ver rapidamente isso.* (CASTILHO, 2014, p. 270 – grifo nosso)

No conjunto de enunciados de (8) a (10), com o uso dos verbos em primeira pessoa do plural “identificamos”, “conversamos”, “damos”, “estamos”, “vamos”, bem como com o uso do pronome “nos”, Castilho interage com o seu público-leitor e cria certa “modéstia” ao diluir o ‘eu’ em ‘nós’, pois isso possibilita também um grau de informalidade no discurso da gramática. Assim como o uso de ‘você’ em referência ao leitor produz um efeito de cumplicidade e afetividade com o autor, como nos exemplos em (11) e (12):

(11) *Imagine a cena: você pretende ficar em dado lugar, porém a situação discursiva em que se encontra exige algo mais do que simplesmente declarar Ficarei. Por qualquer razão, não cairá bem se você for tão telegráfico, tão econômico em seus meios verbais. Você, definitivamente, precisará acrescentar informações adicionais a isso. Ah, meu amigo, nessa hora você caiu em cheio nos braços das sentenças adverbiais!* (CASTILHO, 2014, p. 371 – grifos nossos).

(12) *Percorrendo a exemplificação dos advérbios qualificadores, você poderá examinar a estrutura argumental respectiva.* (CASTILHO, 2014, p. 549 – grifo nosso)

Vemos em (11) e em (12) que o pronome ‘você’ pode indicar também a personalização de um enunciado impessoal, com a indeterminação do destinador ou leitor da gramática. Ao mesmo tempo, há uma aproximação bastante evidente com o uso do pronome possessivo “meu” e do substantivo “amigo”. Além disso, há inúmeros exemplos expressos do *eu* autor em um processo de interação recíproca presentes em todo o quadro enunciativo da gramática de Castilho:

(13) [...] apresento algumas generalizações sobre o retrato do português brasileiro assim obtido. (CASTILHO, 2014, p. 33 – grifo nosso).

(14) *Para comprovar essa afirmação, começo por providenciar uma base empírica, propondo o seguinte lance [...].* (CASTILHO, 2014, p. 261 – grifo nosso).

(15) *Em trabalho anterior, estudei uma amostra [...]* (CASTILHO, 2014, p. 490 – grifo nosso).

(16) *Para dosar as coisas, imagino que um modo de aproximar-se da Gramática é das bordas para o centro, assim como quem toma um prato de sopa quente.* (CASTILHO, 2014, p. 626 – grifo nosso).

Nos exemplos de (13) a (16), confirmamos a presença do *eu* de Castilho com os verbos em primeira pessoa do singular “apresento”, “começo”, “estudei” e “imagino”. Tudo isso

comprova o alto grau de subjetividade presente na gramática de Castilho assim como na gramática de Perini.

### **Conceitos de língua e de gramática**

As gramáticas, de um modo geral, apresentam um arcabouço teórico bem pautado pelos conceitos de língua e de gramática. As gramáticas de cunho descritivo, no entanto, procuram fornecer uma visão da estrutura e do funcionamento da língua a partir de estudos linguísticos que defendem a língua enquanto forma de comunicação das complexas sociedades humanas.

Nesse ínterim, as gramáticas de Perini e Castilho apresentam visões de língua e de gramática bastante semelhantes, uma vez que o objetivo de ambas é “estudar a língua como ela é” (PERINI, 2010, p. 21) e não como alguns acreditam que ela deveria ser, em uma visão tradicional. Por isso, Perini afirma que “para nós, ‘certo’ é aquilo que ocorre na língua” (op. cit.), pois o padrão é privilégio de uma minoria de pessoas escolarizadas e nunca é usado na fala cotidiana, antes, porém, é ignorado pela maioria da população. Além disso, o autor esclarece que não existe gramática completa e definitiva de língua nenhuma e esta área deve compor uma disciplina com todo rigor científico, cuja finalidade seja o estudo, a descrição e a explicação de fenômenos do mundo real.

Seguindo essa linha de raciocínio, Castilho (2014) expõe um amplo estudo sobre diversas áreas de pesquisa em torno da definição de “língua”, que afetam diretamente o tipo de gramática que se pretende produzir: (i) língua como um conjunto de produtos estruturados, conforme a visão descritiva; (ii) língua como um conjunto de processos estruturantes, conforme a visão funcionalista-cognitivista; (iii) língua como um conjunto de produtos e processos estruturantes, conforme a visão histórica e (iv) língua como um conjunto de bons usos, conforme a visão prescritiva. O autor, no entanto, considera a língua como um “multissistema funcionalista-cognitivista” (2014, p. 109) e gramática como um sistema linguístico constituído por estruturas cristalizadas ou em processo de cristalização, dispostas em três subsistemas, a saber: fonologia, morfologia e sintaxe.

Além disso, Perini e Castilho seguem uma visão de língua e de gramática a partir do uso do processo de eliciação (LOBATO, 2015), por meio do fornecimento de pistas sobre como

achar novas respostas a partir do retrato do PB e da condução à reflexão gramatical, que tem como ponto de partida a comparação entre a língua falada e a língua escrita.

Do ponto de vista da interação verbal, essa visão de língua e de gramática apresentada pelos gramáticos aproxima-os de seus leitores na medida em que não desconsidera o conhecimento prévio que cada leitor carrega consigo ao interpretar os diversos enunciados presentes nas gramáticas. Tal aproximação também se revela por meio dos diversos exemplos usados ao longo do texto.

### **A enunciação do *exemplo***

Um importante componente da gramática é o *exemplo*, embora este seja pouco estudado. Leite (2002, p. 249) discute que “o conteúdo e a forma dos exemplos é outro ponto importante no que diz respeito à interação”. Diante disso, se o exemplo é uma abstração que serve para mostrar o uso, ele deve ser o mais simples possível para ser compreendido e permitir a reflexão sobre o fenômeno em observação. Também, em relação à forma, esta pode ser realizada como listas de palavras, que demonstram as categorias em análise, ou enunciados nominais ou verbais.

Nesse sentido, sobre os exemplos utilizados em sua gramática, Perini explana que:

Nesses pontos, fiz todos os esforços para incluir explicações claras e objetivas, com exemplificação suficiente, a fim de evitar aquela sensação tão comum aos estudantes de gramática de estar lidando com noções que não dominam. O objetivo é levar o leitor a um conhecimento consciente das estruturas da língua, não apenas à memorização de um conjunto de afirmações mais ou menos gratuitas. (PERINI, 2010, p. 22).

Perini esclarece ainda que, por sua gramática ser destinada a estudantes e pessoas interessadas mais na língua portuguesa do que na teoria linguística propriamente dita, há repetições em algumas passagens. O autor explica sua opção pela repetição porque este recurso não conduz a um abuso de referências, facilitando a leitura fluente. Ao mesmo tempo, o uso de repetições sacrifica “a elegância à necessidade de clareza”, como diz Perini (2010, p. 27). Em sua gramática, Perini comenta que seu estudo parte das formas que ocorrem no contexto falado informal e não em textos publicados, nem em discursos formais. A simplicidade dos exemplos apresentados por Perini pode ser vista a seguir:

(17) *Zé comeu a pizza.* (PERINI, 2010, p. 50)

(18) *Aquele rapaz que eu te apresentei abriu uma loja no bairro Santa Branca.* (PERINI, 2010, p. 50)

Perini usa os enunciados (17) e (18) para exemplificar a definição de *construção* como um dos elementos básicos da gramática. Percebemos por meio desses exemplos o uso de contextos do cotidiano das pessoas em geral. Perini também explora o contexto de variação linguística:

(19) *Existiam animais enormes nessa época.* (PERINI, 2010, p. 80 – grifos nossos).

(20) *Existia animais enormes nessa época.* (PERINI, 2010, p. 80 – grifos nossos).

(21) *Os cachorro tá tudo doente.* (PERINI, 2010, p. 93).

(22) *As suas filha parece muito inteligente.* (PERINI, 2010, p. 93).

(23) *Eu tenho muito que fazer.* (PERINI, 2010, p. 215 – grifos do autor).

(24) *Eu tenho muito o que fazer.* (PERINI, 2010, p. 215 – grifos do autor).

Nos exemplos (19) e (20), Perini apresenta a variação singular/plural do verbo *existir* sem atribuir qualquer marca de valor, prestígio ou desprestígio. Da mesma forma, o autor exhibe exemplos da não presença de concordância em todos os itens em algumas circunstâncias da língua representadas em (21) e (22) acima. Já em (23) e (24), o gramático ressalta que as duas formas “que” e “o que”, nessa situação, podem coocorrer, pois em (23) “que” é uma forma reduzida do relativo “o que”.

Do mesmo modo, Perini expõe exemplos agramaticais<sup>3</sup> quando da explicação dos tempos verbais, facilmente identificáveis por seu leitor no conjunto de (25) a (28) a seguir:

(25) \**A Carolina está tendo cabelo louro.* (PERINI, 2010, p. 222)

(26) \**A casa dele está ficando atrás do parque.* (PERINI, 2010, p. 222)

(27) \**O Renato foi muito bonito quando nos casamos.* (PERINI, 2010, p. 229 – grifos do autor).

(28) \**Eu estava em todos os cômodos da sala.* (PERINI, 2010, p. 231 – grifos do autor).

Em (25) e em (26), não se pode usar no PB o progressivo “está tendo” e “está ficando” como uma propriedade permanente. Já em (27), o tempo perfeito “foi” no lugar do imperfeito é inaceitável no PB. Em (28), o tempo imperfeito comunica a estranha mensagem de que “eu” estava em todos os cômodos da casa ao mesmo tempo, ou seja, algo impossível, por isso o enunciado é semanticamente incompreensível.

Castilho, por sua vez, procura interagir com o seu público leitor ao usar exemplos que rompem com as tradicionais listas de classificações e apresentam os processos criativos do PB, pois o autor acredita que “as línguas naturais são o ponto mais alto de nossa identidade como indivíduos e como participantes de uma sociedade” (2014, p. 33).

Diante disso, na gramática de Castilho há uma preocupação de apresentar ao leitor fatos concretamente observados. Da mesma forma de Perini, em vez de tomar como referência para seus exemplos os textos escritos, Castilho elege como amostra preferencial da língua enunciados provenientes da *conversação falada*. Eis alguns exemplos que ilustram essa escolha linguística:

(29) *Vivi bem.* (CASTILHO, 2014, p. 263).

(30) *Vivi uma vida legal.* (CASTILHO, 2014, p. 263).

---

<sup>3</sup> O asterisco indica a agramaticalidade das sentenças.

(31) *Perdi sem querer aquela oportunidade.* (CASTILHO, 2014, p. 275).

(32) *Fogo queima. Isso dói pra caramba.* (CASTILHO, 2014, p. 453).

Em (29) e (30), Castilho exemplifica a transitividade dupla do verbo “viver” com enunciações comuns ao seu leitor, falante do PB. Do mesmo modo, em (31) e (32), vemos um exemplo que pode ser enunciado em conversas cotidianas. Esses exemplos podem indicar certa familiaridade de uso e facilitar a compreensão do leitor, ocasionando, assim, uma proximidade com o autor.

Outra característica presente e inovadora nos exemplos de Castilho é o uso de diálogos como ilustração de fatos linguísticos ora estudados:

(33) A – *Você viu quem passou por aí?*

B – *Vi.* (CASTILHO, 2014, p. 267)

(34) A – *Mas será possível que não veio ninguém hoje?*

B – *Bem, há eu aqui, não serve?/ Tem eu aqui, não serve?* (CASTILHO, 2014, p. 286 – destaques no original).

No primeiro diálogo, em (33), Castilho ilustra que o PB permite categorias vazias em relação ao preenchimento de argumentos sentenciais, como no caso representado por “(Eu) Vi”. Igualmente, no segundo diálogo, em (34), Castilho explica que, no PB, quando expressões são preenchidas por sintagma nominal, como é o caso de “tem eu aqui”, o verbo não concorda com ele em pessoa.

Também, Castilho apresenta em toda a extensão de sua gramática a variação linguística:

(35) *Fica quieto!/Fique quieto!* (CASTILHO, 2014, p. 439 – destaques no original).

(36) *Diz aí, eu ganhei ou não ganhei o jogo do bicho?/Diga aí, eu ganhei ou não ganhei no jogo do bicho?* (CASTILHO, 2014, p. 439 – destaques no original).

Em (35) e (36), Castilho explica que há variação no que se refere ao uso do imperativo no PB e em seu texto, o autor explica sobre esse fenômeno com uma linguagem bem típica da conversação falada, até mesmo com a utilização de metáforas, o que comprova a sua intenção de interagir com o seu leitor: “Olhe o que rolou com o imperativo: o indicativo entrou na dança e, na prática, nosso imperativo hoje é um jogo entre formas do indicativo e formas do subjuntivo” (CASTILHO, 2014, p. 439). Encontramos outros tipos de variação e mudança linguística nos exemplos a seguir:

(37) a) *Pode parar com isso!* → *popará com isso!*

b) *Quer parar com isso?* → *quepará com isso?* (CASTILHO, 2014, p. 441 – destaques no original).

(38) *Nós rimos muito ontem à noite, e aí a gente começamos a se entender.* (CASTILHO, 2014, p. 478 – destaques no original).

Nos exemplos indicados em (37), vemos um processo de cliticização bastante produzido por falantes do PB e que o leitor da gramática poderá com facilidade perceber ao refletir sobre esse uso em sua fala habitual. Já em (38), temos a variação nós/a gente bastante produtiva no PB e, em sua explicação na gramática, Castilho identifica o uso padrão (nós) e o uso não-padrão (a gente) desses pronomes, apontando, porém diferenças discursivas na seleção de uma ou outra forma, a fim de que o seu leitor perceba quando se deve utilizar cada uma dessas formas, de acordo com o contexto enunciativo.

Além disso, na gramática de Castilho, há diversos exemplos de agramaticalidade:

(39) \* *Existe-os* (CASTILHO, 2014, p. 287 – destaque no original).

(40) \* *Ideias verdes atravessam a mata.* (CASTILHO, 2014, p. 467).

(41) \* *O país atravessa o rio.* (CASTILHO, 2014, p. 467).

Vemos no exemplo (39), um uso do pronome “os” não correspondente ao PB e, em (40) e (41), apesar de as sentenças estarem construídas bem sintaticamente, o problema se encontra no contexto semântico não compreensível no PB. Todos esses exemplos ilustram a agramaticalidade e podem ser percebidos sem dificuldades pelo leitor da gramática de Castilho.

De um modo geral, os exemplos usados por Perini e Castilho em seus compêndios gramaticais são os mesmos enunciados que usamos no nosso dia-a-dia. Tal fato conduz a uma leitura mais familiar dos livros e facilita o processo de interação autor/leitor nessas gramáticas descritivas do PB.

### **O texto**

O termo *texto* pode ser definido, segundo Andrade (2001, p. 125), “como atividade linguística de interação social, visto que se constrói a partir de uma progressão contínua de significados que se combinam tanto simultaneamente como em sucessão”. De acordo com essa acepção, a seleção de significados feita pelo autor-enunciador provém de uma série de opções que estabelecem o processo de escolha semântica no contexto de interação por meio de um intercâmbio de significados. (ANDRADE, 2002, p. 206).

Sendo assim, no texto das gramáticas descritivas de Perini e Castilho, é possível encontrar a construção de significados por meio de escolhas semânticas e no constante diálogo que promovem uma interação com o leitor idealizado, ou seja, o estudioso da área de língua portuguesa, variedade brasileira.

Dessa forma, Perini, ao se dirigir primariamente a estudantes de gramática, cujos objetivos são antes de natureza científica, constrói um texto mais adaptado aos interesses e necessidades do leitor brasileiro, por utilizar uma linguagem proveniente da “norma urbana, não na norma ditada pelas gramáticas tradicionais e ensinadas na escola, mas na norma tacitamente aceita e praticada pela população do país” (PERINI, 2010, p. 45). Por isso, o autor seleciona formas linguísticas presentes no contexto falado informalmente, mas, ao mesmo tempo, não desconsidera que também é importante o conhecimento do português padrão, pois “as duas variedades são parte da vida da nossa sociedade” (PERINI, 2010, p. 20).

Outra característica do texto da gramática de Perini é a explicação e discussão dos conceitos básicos utilizados na análise. Assim, noções como *sintagma nominal*, *sujeito*, *função*

*sintática, papel temático, classe de palavras* e outras são explicadas em detalhes, como se vê na definição de *papel temático*:

(42) *O papel temático é a relação semântica que existe entre o verbo e os diversos sintagmas que co-ocorrem com ele na oração. Entre os papéis temáticos mais frequentes temos o Agente e o Paciente (...).* (PERINI, 2010, p. 51 – destaques no original).

Perini apresenta também, em certos momentos, o porquê de se utilizar esses conceitos de análise, muitas vezes não presentes em gramáticas tradicionais:

[...] a razão é que não é possível estudar gramática (nem disciplina nenhuma) sem dominar certos conceitos básicos; e os conceitos da gramática tradicional são em grande parte inadequados. Eles precisam ser substituídos por outros que não são do conhecimento geral (PERINI, 2010, p. 21).

Ademais, em diversas partes de sua gramática, Perini “conversa” diretamente com o seu leitor:

(43) *Mas, dirá o leitor, o método de ensino desse professor de matemática é absurdo.* (PERINI, 2010, p. 33)

(44) *Note que ninguém nos ensinou isso (...)* (PERINI, 2010, p. 40).

(45) *Assim, o leitor encontrará diferenças importantes entre estruturas estudadas neste livro e as que constam nas gramáticas usuais (...)* (PERINI, 2010, p. 44).

(46) *Não quero explicar tudo agora para não me desviar demasiadamente do assunto que nos interessa no momento.* (PERINI, 2010, p. 55).

(47) *O leitor poderá verificar facilmente que as formas que admitem a omissão do SN inicial são vendi e vendemos.* (PERINI, 2010, p. 67).

No conjunto de dados de (43) a (47), representados acima, é evidente o diálogo do gramático com o leitor, a partir do convite à reflexão em várias partes do texto. Isso comprova que o processo de interação pode existir em textos de gramática. Ao mesmo tempo, uma outra demonstração de interação autor/leitor se faz na indicação de modéstia, pois Perini relata sobre suas dificuldades em construir uma explicação relativa às classes de palavras, uma área tão discutida ao longo da tradição gramatical:

(48) *Nesse contexto, não é nada fácil elaborar a parte relativa às classes de palavras em uma gramática dirigida a não especialistas. Assim, o leitor deve esperar, nestes capítulos mais ainda do que no restante do livro, expressões de incerteza e indicações puramente programáticas.* (PERINI, 2010, p. 297)

Em termos de interação, o emprego do adjetivo avaliativo “incerteza” é uma pista para transparecer ao leitor certa modéstia, a fim de atenuar as dificuldades de se explicar o que são as classes de palavras.

Castilho, por sua vez, do mesmo modo, ao longo de seu texto, interage direta e intensamente com seu leitor por meio do uso de uma linguagem simples e pelo uso do texto expositivo, intercalado com “diálogos imaginários”:

O ritmo expositivo de nossas gramáticas adota o que se poderia chamar de “estilo revelação”. O gramático se transforma numa espécie de Moisés que desce dos altos montes revela aos povos estupefatos... o que está certo e o que está errado em sua linguagem! Também aqui me distanciei disso. Imaginei para tanto a seguinte estratégia: compus dois textos articulados, um expositivo, e outro indagativo. Na exposição, falo eu, interpretando os achados da ciência atual. Nas indagações, falam aos leitores, por meio das perguntas que imagino que eles estejam formulando. Nossos diálogos imaginários vão em itálico, intercalados no texto expositivo. (CASTILHO, 2014, p. 32).

Eis um exemplo de um “diálogo imaginário” entre Castilho e seu leitor:

(49) – *Por que tanta insistência no processo de apresentação de referentes? Brinquedinho novo?*

– *Porque, se entendermos que apresentar e predicar são processos distintos, teremos facilitada nossa compreensão sobre o estatuto do argumento único exemplificado anteriormente, bem como sobre a tipologia da sentença correspondente.* (CASTILHO, 2014 p. 286 – destaques no original).

Castilho usa essa estratégia de interação com seu público-leitor para transformá-los numa espécie de coautores, “recusando que entre eles e a língua que praticam seja obrigatória a interposição de um intérprete, de uma espécie de despachante para problemas gramaticais” (2014, p. 33). Para dar conta desse propósito, o autor utiliza também a metodologia de eliciação, que direciona o leitor a tirar conclusões e a desenvolver seu conhecimento sobre a língua, bem como ter um ponto de vista crítico diante dos fatos em análise, atitude essa coerente com a abordagem descritivo-reflexiva:

(50) *Da motivação semântica, migraríamos para as categorias gramaticais, buscando identificar as propriedades sintáticas (...). Deixo a você, leitor, esta sugestão de Milton do Nascimento (...).* (CASTILHO, 2014, p. 336 – grifos nossos).

(51) *Forçando um pouco a barra, diria que a teoria da referência está para as ciências clássicas assim como a teoria da referenciação está para as ciências dos domínios complexos. Demonstrar isso é um belo desafio que dependerá de indagações futuras.* (CASTILHO, 2014, p. 466 – grifos nossos)

(52) (...) *enumero na terceira seção alguns temas de trabalho, perseguindo sempre o objetivo de habilitar o leitor a raciocinar sobre a gramática de sua língua, e a tirar suas próprias conclusões.* (CASTILHO, 2014, p. 611)

Como se vê em (50), em (51) e em (52), Castilho convida o leitor à pesquisa e, para isso, em todos os capítulos enumera uma série de referências a autores que aprofundam o tópico gramatical abordado. Além disso, algo bastante inovador no final de sua gramática é uma *sugestão de projetos*, cujo objetivo é pesquisar a diversidade do PB, com a indicação de

procedimentos metodológicos para esse fim. Vejamos um exemplo proposto pelo autor no caso de uma pesquisa sobre variação geográfica:

(53) a) *Escolha uma área para seu estudo. Pode ser a região em que você mora.*

b) *Estude a organização social nessa área. Selecione informantes representativos dessa organização.*

c) *Prepare um questionário sensível à experiência dos moradores. Em 4.1, você encontrará algumas indicações sobre como organizar esse questionário.*

d) *Aplique-o aos informantes selecionados. Transcreva as gravações. Selecione uma questão integrada num dos sistemas linguísticos para o estudo desses materiais.*

e) *Disponha seus dados no mapa da região estudada e redija uma monografia.*

(CASTILHO, 2014, p. 649).

Por fim, outro aspecto que demonstra o cuidado de Castilho com o seu leitor diz respeito à constituição de um *glossário* de termos gramaticais usados ao longo de sua gramática e de um *índice de matéria*, com indicação do número da página de todos os assuntos desenvolvidos na gramática.

Em síntese, podemos dizer que a construção textual dos enunciados das gramáticas de Perini e Castilho comprova a interação autor/leitor por meio de uma enunciação que se apresenta mais como uma conversa entre estudiosos da linguagem do que pelo modo prescritivo, que ditava o “bom uso da língua”, outrora praticado em gramáticas tradicionais e que, muitas vezes, distanciava autor/leitor.

### **Considerações finais**

Este artigo procurou evidenciar o processo de interação autor/leitor em gramáticas descritivas do PB, que se propõem a promover uma educação linguística, a partir de um

processo de eliciação, ou seja, em que o próprio leitor constrói sua reflexão e análise sobre aspectos da língua, por meio de uma espécie de “diálogo” com o gramático.

Os compêndios de Perini e Castilho são excelentes exemplos de que é possível estudar e refletir sobre gramática sem a preocupação demasiada com a dita “língua empírica”, distante da linguagem falada.

Essa pesquisa demonstrou ainda, por meio dos mais de 50 dados apresentados, que é possível ter interação verbal em textos escritos de natureza gramatical, e que não só o autor/gramático está presente nesse tipo de texto, mas há a constante presença do leitor nesse ínterim.

Ressaltamos, no entanto, a necessidade de se ampliar essa pesquisa no que se refere a buscar o ponto de vista dos leitores dessas gramáticas descritivas sobre se este processo de interação, por meio de uma proposta de educação linguística, de fato promove uma educação reflexiva e facilita o processo de aprendizagem do Português Brasileiro.

## Referências

ANDRADE, M. L. C. V. O. *Relevância e contexto: o uso de digressões na língua falada*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001.

\_\_\_\_\_. A revista *Veja*: interação e ensaio. In: PRETI, D. (Org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton Publishers, 1957.

HILGERT, J. G. A colaboração do ouvinte na construção do enunciado do falante: um caso de interação intraturno. In: PRETI, D. (Org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

ILARI, R. A. *Linguística e o ensino da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

\_\_\_\_\_. *Linguística e ensino da língua portuguesa como língua materna*. 2009. Disponível em [http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas\\_interna.php?id\\_coluna=3](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=3) Acesso em 11 de out. 2015.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales: approche interactionnelle et structure des conversations*. (Tome 1) Paris: Armand Colin, 1998.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2007.

LEITE, M. Q. O espaço da interação autor/leitor na gramática tradicional: um estudo de caso. In: PRETI, D. (Org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

LOBATO, L. O que o professor de ensino básico deve saber sobre linguística. Ms. SPBC, 2003.

\_\_\_\_\_.; PILATI et al (org.). *Linguística e ensino de línguas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PILATI, E.; NAVES, R.; VICENTE, H.; SALLES, H. Educação linguística e ensino de gramática na educação básica. *Linguagem & Ensino*, v. 14, n. 2, 2011, p. 395-425.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

SALLES, H. M. M. L. *A língua portuguesa na escola: por uma educação científica*. Brasília: SBPC, 2005.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2009.

VICENTE, H. G; PILATI, E. Teoria Gerativa e “ensino” de gramática: uma releitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais. In: *Verbum – Cadernos de PósGraduação*, São Paulo, n. 2, p. 4-14, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/12793/9279> Acesso em 20 de ago. 2015.